

# UMA SOCIEDADE EM REDE COM UMA ESCOLA DESCONECTADA:

## DESAFIOS E CONTRADIÇÕES DA EDUCAÇÃO NO SÉCULO XXI

José Raimundo Alves<sup>1</sup>

### RESUMO

Este artigo analisa a discrepância entre a sociedade contemporânea, imersa em redes digitais e virtuais, e a escola, frequentemente desconectada dessa realidade. A negligência social em relação à educação, a insistência em modelos escolares do século XIX e a falta de investimento adequado resultam em um sistema educacional defasado, incapaz de preparar os alunos para os desafios do século XXI.

**Palavras-chave:** sociedade em rede, escola desconectada, educação, século XXI, negligência social.

### RESUMEN

Este artículo analiza la discrepancia entre la sociedad contemporánea, inmersa en redes digitales y virtuales, y la escuela, frecuentemente desconectada de esta realidad. La negligencia social en relación con la educación, la insistencia en modelos escolares del siglo XIX y la falta de inversión adecuada resultan en un sistema educativo desfasado, incapaz de preparar a los alumnos para los desafíos del siglo XXI.

**Palabras clave:** sociedad en red, escuela desconectada, educación, siglo XXI, negligencia social.

### ABSTRACT

This article analyzes the discrepancy between contemporary society, immersed in digital and virtual networks, and the school, frequently disconnected from this reality. Social neglect regarding education, the insistence on 19th-century school models, and the lack of adequate investment result in an outdated educational system, incapable of preparing students for the challenges of the 21st century.

**Keywords:** network society, disconnected school, education, 21st century, social neglect.

---

<sup>1</sup> Professor de Ensino Médio

## Introdução

O século XXI é definido por uma sociedade globalmente interconectada, impulsionada por redes digitais que revolucionaram a comunicação, o trabalho e o acesso ao conhecimento. Nesse contexto, a educação é reconhecida como pilar fundamental para o desenvolvimento de habilidades essenciais — pensamento crítico, criatividade e colaboração —, necessárias para navegar em um mundo marcado pela volatilidade tecnológica e pela economia do conhecimento. No entanto, persiste uma contradição gritante: enquanto a sociedade avança em direção à Sociedade 5.0 e à Indústria 4.0, muitas instituições escolares permanecem ancoradas em paradigmas do século XIX, reproduzindo modelos pedagógicos centrados na transmissão vertical de conteúdos e na memorização. Essa desconexão não apenas limita o potencial formativo da escola, mas também a torna incapaz de responder às demandas de um mercado de trabalho em constante transformação.

A resistência a abandonar estruturas educacionais ultrapassadas reflete uma dissonância histórica e sistêmica. No século XIX, a escola moldou-se às exigências da sociedade industrial, priorizando a padronização e a hierarquia. Hoje, em um cenário de inteligência artificial e hiperconectividade, tais modelos mostram-se obsoletos, incapazes de fomentar a autonomia intelectual ou a resolução criativa de problemas. Ainda que parte do legado pedagógico histórico possua valor, sua inflexibilidade diante de realidades como a big data, a ética digital e a sustentabilidade amplifica o abismo entre o que é ensinado e as competências exigidas pelo século XXI. A escola, assim, transforma-se em um espaço de contradições, onde discursos sobre inovação convivem com práticas engessadas por currículos rígidos e avaliações standardizadas.

Essa crise é agravada por desafios estruturais profundos. O subfinanciamento crônico da educação pública, aliado à precarização das condições de trabalho docente, cria ambientes inadequados para a aprendizagem: salas superlotadas, falta de acesso a tecnologias e materiais pedagógicos desatualizados são apenas a face visível do problema. Professores, sobrecarregados por jornadas extenuantes e remuneração defasada, veem-se impossibilitados de inovar, reduzidos a cumprir metas quantitativas desconectadas de processos educativos significativos. Paralelamente, a negligência social manifesta-se na terceirização da responsabilidade educativa, com famílias e poder público tratando a escola como "depósito" de crianças e jovens, em vez de espaço de formação integral. Essa dinâmica perpetua um ciclo vicioso: a desvalorização da educação justifica cortes orçamentários, que, por sua vez, aprofundam a degradação do sistema.

As consequências dessa ruptura entre expectativas e realidade são multidimensionais. Estudantes, especialmente em contextos periféricos, enfrentam não apenas defasagem cognitiva, mas também

exclusão de oportunidades capazes de romper ciclos de desigualdade. O foco excessivo em métricas de desempenho, como notas em avaliações padronizadas, desvia a atenção de competências socioemocionais e da formação cidadã, essenciais para uma democracia crítica. No âmbito docente, a frustração gerada pela impossibilidade de exercer práticas pedagógicas inovadoras alimenta a síndrome de burnout, exacerbando crises de saúde mental e evasão profissional. O resultado é um sistema educacional que, longe de ser um equalizador social, reproduz estratificações, convertendo-se em commodity acessível apenas a privilegiados.

Superar essa crise exige uma transformação multidimensional, articulando tecnologia, pedagogia e justiça social. É imperativo repensar currículos para integrar habilidades digitais e projetos interdisciplinares, aliados a investimentos robustos em infraestrutura e formação docente continuada. A inclusão de ferramentas como inteligência artificial e plataformas colaborativas deve ser acompanhada de políticas que combatam a "digital divide", garantindo acesso equitativo. A construção de pactos sociais — envolvendo famílias, Estado, setor privado e universidades — é crucial para redefinir a escola como espaço de cocriação, conectado às urgências do presente. Como demonstram experiências internacionais, somente através de um compromisso coletivo será possível transpor as contradições do século XXI e construir sistemas educacionais verdadeiramente transformadores.

### **A Escola do Século XIX em um Mundo Digital**

A velocidade com que a sociedade moderna se adapta às novas tecnologias contrasta fortemente com a lentidão da escola em acompanhar essas mudanças. Em muitos casos, o modelo de ensino ainda se baseia em práticas do século XIX, caracterizadas pela transmissão vertical de conhecimento e pela ênfase na memorização. Essa discrepância gera um abismo entre o que os alunos aprendem na escola e o que precisam para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo.

É importante ressaltar que a metodologia do passado não deve ser totalmente descartada. No século XIX, o mundo vivia sob a sombra da sociedade 3.0 e da indústria 2.0, contextos muito diferentes dos atuais. Hoje, vivemos a sociedade 5.0 e a era da indústria 4.0, realidades que exigem novas habilidades e competências.

A escola, como instituição fundamental na formação dos indivíduos, precisa se adaptar a essa nova realidade. O modelo de ensino tradicional, com sua ênfase na memorização e na transmissão vertical de conhecimento, não prepara os alunos para os desafios do século XXI. É preciso repensar o papel

da escola e do professor, buscando novas metodologias que incentivem a criatividade, o pensamento crítico e a colaboração.

A tecnologia pode ser uma grande aliada nesse processo de transformação. Ferramentas digitais podem tornar o aprendizado mais interativo, dinâmico e personalizado, permitindo que os alunos desenvolvam as habilidades necessárias para o mundo contemporâneo. No entanto, é fundamental que a tecnologia seja utilizada de forma consciente e crítica, como um meio para alcançar os objetivos educacionais, e não como um fim em si mesma.

A adaptação da escola à nova realidade tecnológica é um desafio complexo, que exige o envolvimento de toda a comunidade escolar: professores, alunos, pais, gestores e sociedade em geral. É preciso investir em formação continuada para os professores, para que eles possam utilizar as novas tecnologias de forma eficaz. Também é necessário repensar o currículo escolar, incluindo novas disciplinas e conteúdo que preparem os alunos para os desafios do futuro.

### **A Dualidade Social no Reconhecimento da Educação: Entre o Discurso e a Prática Negligenciada**

A educação é amplamente reconhecida como alicerce para o desenvolvimento humano e social, contudo, sua implementação enfrenta uma contradição estrutural: enquanto sua importância é exaltada retoricamente, ações concretas que garantam sua efetividade são frequentemente negligenciadas. Estudos indicam que essa dissonância decorre de múltiplos fatores interligados, como a desarticulação entre família e escola, políticas públicas insuficientes e uma cultura que prioriza resultados imediatistas em detrimento de processos formativos integralizados. Essa lacuna entre reconhecimento e prática não apenas compromete o potencial pedagógico, mas também reforça desigualdades, perpetuando ciclos de exclusão.

Um dos aspectos mais críticos reside na relação família-escola, marcada, em muitos casos, pela transferência unilateral de responsabilidades. Parte das famílias tende a tratar instituições educacionais como "depósitos" ou "reformatórios", terceirizando funções que deveriam ser compartilhadas, como a formação ética e o acompanhamento pedagógico. Essa dinâmica é agravada pelo desinteresse na vida escolar dos filhos, manifestado na baixa participação em reuniões e atividades escolares, e na cobrança seletiva por desempenho acadêmico, desvinculada de apoio emocional ou estrutural. Tal postura reduz a educação a um mero instrumento de certificação, esvaziando seu papel transformador.

Paralelamente, o desfinanciamento crônico da educação pública configura-se como obstáculo sistêmico. Investimentos insuficientes em infraestrutura — como salas superlotadas, falta de

laboratórios e acesso limitado a tecnologias — criam ambientes inadequados para aprendizagem. A precarização do trabalho docente, com jornadas extenuantes, remuneração defasada e ausência de formação continuada, desgasta a motivação profissional, impactando diretamente a qualidade do ensino. Esses fatores, somados à desvalorização social da carreira docente, alimentam um ciclo vicioso: condições inadequadas levam a resultados insatisfatórios, que, por sua vez, justificam cortes orçamentários.

As consequências dessa negligência multifacetada são profundas e multidimensionais. Alunos de redes públicas, especialmente em contextos periféricos, enfrentam não apenas defasagem cognitiva, mas também exclusão de oportunidades que poderiam romper ciclos de pobreza. O foco excessivo em métricas de desempenho, como notas em avaliações padronizadas, desvia a atenção de competências socioemocionais, essenciais para a cidadania crítica. Ademais, a degradação do ensino público amplia a demanda por instituições privadas, aprofundando estratificações sociais e convertendo a educação em commodity, acessível apenas a parcelas privilegiadas.

Superar essa crise exige reconhecer que a qualidade educacional é fruto de investimento sustentável e cooperação coletiva. É imperativo que famílias, Estado e sociedade civil atuem de forma sinérgica: as primeiras, reengajando-se no processo educativo; o segundo, priorizando políticas de financiamento robustas e valorização docente; e a última, pressionando por mudanças e combatendo visões utilitaristas da educação. Como demonstra a experiência de países com sistemas educacionais bem-sucedidos, a excelência depende não apenas de discursos, mas de pactos sociais que traduzam prioridade em ações concretas e contínuas. A educação de qualidade, afinal, tem preço — e seu pagamento é dever de todos.

### **A Contradição entre Expectativas e Realidade**

A sociedade contemporânea exige que a escola prepare alunos capazes de enfrentar os desafios do século XXI, dotando-os de habilidades como pensamento crítico, criatividade, colaboração e comunicação. Essas competências, consideradas essenciais para a inserção em um mercado de trabalho dinâmico e para o exercício da cidadania ativa, refletem um consenso global sobre os pilares da educação moderna. Essa expectativa colide frontalmente com a realidade de sistemas educacionais marcados por estruturas arcaicas, recursos insuficientes e docentes sobrecarregados. Enquanto o discurso pedagógico enfatiza a inovação, muitas escolas permanecem ancoradas em modelos tradicionais de transmissão de conhecimento, com currículos engessados e avaliações padronizadas que pouco estimulam a autonomia intelectual ou a resolução criativa de problemas.

Essa desconexão é amplificada por desafios estruturais: salas de aula superlotadas, falta de acesso a tecnologias digitais e materiais pedagógicos desatualizados comprometem a implementação de metodologias ativas. Professores, por sua vez, enfrentam jornadas extenuantes, baixa remuneração e pressão para cumprir metas quantitativas, como índices de aprovação ou desempenho em testes estandardizados. Essa combinação limita sua capacidade de inovar, reduzindo o ensino a um ciclo de conteúdos superficiais e repetitivos. A formação inicial e continuada dos docentes frequentemente não os prepara para integrar ferramentas digitais ou abordagens interdisciplinares, essenciais para desenvolver as competências almejadas. Assim, a escola torna-se um espaço de contradições, onde as aspirações pedagógicas são sufocadas por condições operacionais precárias.

As consequências dessa dissonância são profundamente desmotivadoras. Alunos, imersos em um modelo que privilegia a memorização em detrimento da reflexão, demonstram crescente desengajamento, manifestado em índices de evasão e apatia frente a atividades escolares. Educadores, por outro lado, experimentam frustração ao se verem impossibilitados de exercer sua vocação pedagógica, tornando-se gestores de um sistema que prioriza eficiência burocrática sobre qualidade educativa. A sobrecarga emocional decorrente dessas condições contribui para a síndrome de burnout docente, agravando a crise de saúde mental na profissão. Esse cenário alimenta um ciclo vicioso: a desmotivação docente reduz o impacto das práticas educativas, enquanto o esgotamento docente diminui a capacidade de renovação metodológica.

A raiz dessa crise reside em falhas sistêmicas. O subfinanciamento crônico da educação pública, especialmente em contextos periféricos, aprofunda desigualdades, limitando o acesso a infraestrutura adequada e perpetuando modelos excludentes. Além disso, políticas educacionais fragmentadas e de curto prazo priorizam intervenções paliativas, como campanhas pontuais de alfabetização, em vez de investimentos sustentáveis em formação docente e modernização curricular. A falta de diálogo entre gestores, educadores e comunidades também marginaliza vozes cruciais no planejamento educacional, resultando em estratégias desconectadas das necessidades locais. Enquanto a sociedade cobra preparação para a complexidade do mundo atual, a escola permanece refém de um sistema que a impede de evoluir.

Romper esse impasse exige uma reestruturação coletiva. É urgente realinhar investimentos para garantir condições materiais e humanas adequadas, como redução do número de alunos por turma, acesso equitativo a tecnologias e valorização salarial docente. Paralelamente, a revisão curricular deve integrar habilidades socioemocionais e projetos interdisciplinares, substituindo a fragmentação disciplinar por abordagens contextualizadas. Formações docentes precisam incluir práticas inovadoras, como gamificação e aprendizagem baseada em problemas, enquanto políticas públicas devem fomentar parcerias entre escolas, universidades e setor produtivo. Somente através de um

pacto social que reconheça a educação como prioridade estratégica — e não como mera retórica — será possível transformar expectativas em realidade, construindo sistemas educacionais à altura dos desafios do século XXI.

## **A Necessidade de Transformação**

A educação do século XXI enfrenta desafios complexos, exigindo uma reinvenção estrutural que transcenda ajustes superficiais. Para superar contradições entre demandas sociais e realidades escolares, é imperativo promover uma transformação multidimensional, baseada em cinco eixos interdependentes: integração tecnológica, renovação pedagógica, formação docente qualificada, articulação com a sociedade e financiamento robusto. Os sistemas educacionais bem-sucedidos combinam esses elementos, criando ecossistemas de aprendizagem adaptativos e inclusivos. A ausência de qualquer um desses pilares compromete a eficácia das reformas, perpetuando modelos obsoletos que não respondem às necessidades de alunos imersos em um mundo digital e globalizado. A adoção de tecnologias digitais é o primeiro passo para romper com paradigmas ultrapassados. Ferramentas como inteligência artificial, plataformas colaborativas e recursos de gamificação podem personalizar o ensino, estimulando a participação ativa e a resolução de problemas contextualizados. A mera presença de dispositivos tecnológicos não garante inovação: é crucial integrá-los a metodologias que priorizem a cocriação do conhecimento. Por exemplo, ambientes virtuais de aprendizagem permitem projetos transdisciplinares, nos quais alunos desenvolvem habilidades técnicas e socioemocionais ao simular desafios reais. A superação da "digital divide" — garantindo acesso equitativo a infraestrutura e conectividade — é condição fundamental para que a tecnologia não amplie desigualdades, mas sim as mitigue.

Paralelamente, a revisão dos modelos pedagógicos exige abandonar a ênfase na transmissão passiva de conteúdo. Abordagens como aprendizagem baseada em projetos, ensino híbrido e pedagogias críticas incentivam a autonomia, a criatividade e o pensamento sistêmico. Currículos flexíveis, alinhados aos contextos locais e globais, devem substituir grades rígidas, permitindo que os alunos explorem temas como sustentabilidade e ética digital. Estudos mostram que metodologias ativas aumentam o engajamento e a retenção de conhecimento, pois conectam a escola à vida prática. Para isso, é necessário capacitar os professores, muitas vezes relegados a reproduzir práticas tradicionais por falta de suporte institucional.

O investimento na formação docente contínua é, portanto, um pilar incontornável. Professores precisam dominar não apenas novas tecnologias, mas também estratégias pedagógicas inovadoras, gestão emocional e mediação de conflitos. Programas de desenvolvimento profissional devem incluir

parcerias com universidades, mentorias entre pares e acesso a cursos online de qualidade, focados em competências do século XXI. Além disso, a valorização da carreira docente — com melhores salários, redução de carga horária excessiva e reconhecimento social — é vital para atrair e reter talentos. Pesquisas alertam que a desvalorização docente está diretamente ligada à evasão de profissionais qualificados, agravando a crise educacional.

A transformação requer ampliar e otimizar o financiamento da educação pública, aliado ao fortalecimento de parcerias intersetoriais. Recursos devem ser direcionados à modernização de infraestruturas, aquisição de tecnologias acessíveis e implementação de projetos pedagógicos experimentais. O envolvimento da sociedade civil, empresas e famílias pode fomentar iniciativas como laboratórios comunitários, programas de mentoria e estágios profissionalizantes, integrando a escola ao território. Experiências internacionais, como a Finlândia e Cingapura, demonstram que investimentos sustentáveis, combinados com colaboração social, elevam a qualidade educacional. Sem um compromisso coletivo — que entenda a educação como prioridade civilizatória —, as contradições do século XXI seguirão intransponíveis, e a escola permanecerá à margem de sua própria missão transformadora.

### **A Formação Continuada de Professores em Nível de Pós-Graduação**

A formação continuada de professores em nível de pós-graduação, mestrado e doutorado direcionados para a questão das tecnologias educacionais emergem como eixo estratégico para reduzir o abismo entre a sociedade em rede e a escola desconectada. Em um contexto marcado pela aceleração tecnológica e pela demanda por habilidades complexas, como pensamento crítico e colaboração, a capacitação avançada dos docentes é indispensável para ressignificar práticas pedagógicas ancoradas no século XIX. Programas de pós-graduação não apenas atualizam conhecimentos técnicos, mas também fomentam a reflexão crítica sobre o papel da escola em uma era digital, capacitando professores para mediar as contradições entre o potencial das redes e a realidade fragmentada das salas de aula.

Nesse sentido, mestrados e doutorados em educação devem priorizar a integração entre teoria e prática, preparando os docentes para utilizar tecnologias digitais como ferramentas pedagógicas ativas, e não como meros apêndices do currículo. Pesquisas desenvolvidas nesses programas evidenciam que plataformas interativas, como ambientes virtuais de aprendizagem e inteligência artificial adaptativa, podem personalizar o ensino, desde que aliadas a metodologias como a aprendizagem baseada em projetos ou a gamificação. No entanto, como destacam análises recentes,



a incorporação tecnológica exige mais do que acesso a dispositivos: requer formação crítica para evitar a reprodução de desigualdades digitais. Professores com formação avançada tornam-se agentes capazes de traduzir inovações tecnológicas em práticas inclusivas, conectando-as a contextos locais muitas vezes marginalizados.

Além da dimensão técnica, a pós-graduação fortalece a capacidade de pesquisa docente, elemento crucial para desvendar as raízes sistêmicas da desconexão escolar. Estudos de mestrado e doutorado permitem mapear, por exemplo, como o subfinanciamento da educação pública e a precarização do trabalho docente perpetuam modelos obsoletos. Ao investigar realidades periféricas, onde escolas carecem de infraestrutura básica, pesquisadores-docentes podem propor políticas educacionais baseadas em evidências, pressionando por investimentos sustentáveis. Essa produção acadêmica não apenas ilumina falhas estruturais, mas também oferece modelos de intervenção, como currículos flexíveis que integram competências digitais e socioemocionais, alinhados às exigências da sociedade 5.0.

A reformulação dos currículos de formação docente, impulsionada por programas de pós-graduação, é outro pilar para a transformação educacional. Cursos de mestrado profissional e doutorados devem incluir disciplinas que abordem temas como ética digital e gestão de dados educacionais, respondendo às demandas de um mundo hiperconectado. Paralelamente, é essencial promover estágios em escolas inovadoras e parcerias com setores tecnológicos, permitindo que professores vivenciem práticas disruptivas. Essa abordagem rompe com a dicotomia entre teoria acadêmica e prática escolar, formando educadores que atuam como mediadores culturais — capazes de conectar a sala de aula às dinâmicas da sociedade em rede, sem perder de vista criticidade e equidade.

A formação avançada fortalece a articulação entre universidades, escolas e sociedade, catalisando pactos sociais pela educação. Professores pós-graduados tornam-se líderes em suas comunidades, mobilizando famílias, gestores e empresas para co-criar projetos pedagógicos contextualizados. A expertise acadêmica, quando aplicada à realidade escolar, pode reverter ciclos de desinvestimento e desengajamento. Assim, a pós-graduação não é apenas um degrau na carreira docente, mas um espaço de resistência e reinvenção — onde se constroem as pontes para uma escola que, finalmente, dialogue com seu tempo.

## **Conclusão**

A discrepância entre a sociedade em rede e a escola desconectada representa um dos maiores desafios da educação no século XXI. A persistência de modelos pedagógicos ultrapassados, a negligência social e o subfinanciamento crônico da educação pública perpetuam um sistema incapaz de preparar

os alunos para os desafios do futuro. É imperativo reconhecer que a qualidade educacional é fruto de investimento sustentável e cooperação coletiva.

A transformação da escola exige uma abordagem multidimensional, que integre tecnologia, pedagogia e justiça social. A adoção de tecnologias digitais, como inteligência artificial e plataformas colaborativas, deve ser acompanhada de metodologias ativas que incentivem a autonomia, a criatividade e o pensamento crítico dos alunos. A formação docente continuada, em nível de pós-graduação, emerge como eixo estratégico para capacitar os professores a utilizar as tecnologias de forma eficaz e a mediar as contradições entre o potencial das redes e a realidade das salas de aula.

A superação da "digital divide" e a garantia de acesso equitativo à infraestrutura e conectividade são condições fundamentais para que a tecnologia não amplie as desigualdades sociais. A revisão dos currículos escolares, com a inclusão de habilidades digitais e projetos interdisciplinares, é essencial para preparar os alunos para os desafios do mercado de trabalho e para o exercício da cidadania ativa. A construção de pactos sociais, envolvendo famílias, Estado, setor privado e universidades, é crucial para redefinir a escola como espaço de cocriação, conectado às urgências do presente. A experiência de países com sistemas educacionais bem-sucedidos demonstra que a excelência depende de um compromisso coletivo, que traduza prioridade em ações concretas e contínuas.

Somente através de um esforço conjunto será possível construir um sistema educacional capaz de preparar os indivíduos para os desafios do futuro, superando as contradições do século XXI e construindo uma escola que dialogue com seu tempo.